



GADOS E PASTORÍCIA NA BEIRA INTERIOR - MILHARES DE ANOS GRAVADOS NA TOPONÍMIA

Cattle and shepherd in the Beira Baixa – thousands of years recorded in toponymia

António Maria Romeiro Carvalho

Professor de História

Investigador do IEDS da UNL

Palavras-chave Pastoria, gado, Beira Interior, toponímia, fenícios

Keywords Shepherd, cattle, Beira Baixa, toponymia, phoenician

Vila Velha de Ródão, 2021

Resumo

Desde há milénios, e até há poucas dezenas de anos, a criação de gado, nomeadamente, lanígero, foi a principal atividade económica nesta região. A atividade pastoril, que ficou e permanece marcada na toponímia, é de origem fenícia / cananita / cartaginesa, como vimos afirmando há anos. Desde logo: a palavra «gado», que, diz Santo (1989), vem do acádico *gadu*, *gad* e significa riqueza e animal, literalmente, cabritos, e curral que, Almeida (2105) diz vir do fenício *kr* [kar] (cordeiro) + *hl* [âal] = ovelhas desgarradas, e bardo, que o mesmo autor diz vir de *brd* (separar, apartar) e se encontra relacionado com o hebraico «parad» e do árabe «farada». Pegando nas cartas topográficas do Exército, vimos, uma vez mais, provar que a origem toponímica é fenícia / cananita / cartaginesa, a língua falada pelos Lusitanos.

Abstract

For millennia, and until a few tens of years ago, cattle raising, namely, lanígero, was the main economic activity in this region. Pastoral activity remained, and remains marked in toponymy, which is of Phoenician / Canaanite / Carthaginian origin, as we have been saying for years. Right away, the word «cattle», which, says Santo (1989), comes from the acadian *gadu*, *gad* and means wealth and animal, literally, kids; and corral which Almeida (2105) says comes from the Phoenician *kr* [kar] (lamb) + *hl* [âal] = stray sheep; and bard, which the same author says comes from *brd* (separate, separate) and is related to the Hebrew "parad" and the Arabic "farada". Taking the topographic maps of the Army, we saw, once again, to prove that the toponymic origin is Phoenician / Canaanite / Carthaginian, the language spoken by the Lusitanos.

Introdução

«O conceito de direito e de justiça dessas populações, os seus ritos sexuais, costumes religiosos e funerários – que são conhecidos por documentos escritos – ficaram impressos de uma forma indelével nos sítios onde tinham lugar» (Moisés Espírito Santo, *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*, 1989: 388).

Duma forma mais imediata, «quando os pastores se opõem aos agricultores, é a civilização nómada associada ao espaço, e a civilização sedentária prisioneira do tempo, em última análise, o Ser oposto ao Ter» (Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos Símbolos*, 1982: 240).

Desde há milénios, e até há poucas dezenas de anos, a criação de gado, nomeadamente, lanígero, foi a principal atividade económica nesta região. A atividade pastorícia ficou, e permanece marcada na toponímia. Desde logo: a palavra «gado», que, diz Santo (1989), vem do acádico *gadu*, *gad* e significa riqueza e animal, literalmente, cabritos; curral que, Almeida (2105) diz vir do fenício *kr* [kar] (cordeiro) + *hl* [âal] = ovelhas desgarradas; e bardo, que o mesmo autor diz vir de *brd* (separar, apartar) e se encontra relacionado com o hebraico «parad» e do árabe «farada».

Da forte influência fenícia em Portugal, e na Península Ibérica, falam as dezenas de investigações arqueológicas e as dezenas de artigos publicados por Ana Margarida Arruda. Um em cada 17 homens que vive na região do Mediterrâneo porta um cromossomo Y herdado de um ancestral masculino fenício, segundo a equipa da National Geographic e da IBM, em artigo publicado na revista *American Journal of Human Genetics*.

O ouro de aluvião, e das minas, foi um dos grandes interesses dos fenícios e, mais tarde, dos cartagineses. Já o dissemos e reafirmamo-lo. Rosmaninhal é terra do ouro, afirmam Chambino e Rodrigues (2014). Francisco Henriques, e outros,

repetem o que já haviam afirmado: «quanto à exploração destes depósitos por populações da Pré-história recente, também existem variadíssimos que apontam nesse sentido [mas] faltam escavações arqueológicas» (Henriques et al., 2010: 23). Estamos perante uma espécie de ditadura latinista de que damos um exemplo no anexo 1.

Estudando as cartas militares de Portugal, do Instituto Geográfico do Exército (números 257/8/9, 269,270/1, 281/2/3, 293/4, 305/6), analisámos a disposição e significado dos principais topónimos procurando descobrir os locais de pastagens e movimentos da pastorícia.

Em complemento a este estudo cartográfico, percorremos a região e retomámos estudos e investigações efetuadas nas regiões referidas e nas últimas décadas.

Sempre que não individualizada a fonte, seguiu-se Moisés Espírito Santo (1993).

As fotos, se não assinaladas, são do autor deste trabalho.

Malhada e Nave

Dois topónimos afirmam-se como centralizadores da atividade pastorícia: «malhada» e «nave». Malhada vem do fenício *ml ht* e significa local de água e alimentos. A palavra, escreve Santo, pode decompor-se: «*m lht* [malhate], para alimentação (hortas); *m lht*, para a força vital; *m lht* [malhate], para bebida/ sumo; *ml ht*, a água dispersa; *mlht*, a água desperta; *ml 'd*, água perto, água em torno; *ml 'd*, água do testemunho da aliança; *ml' da* água distribuída; *ml at*, a água vence; *ml ad*, água do pai (pai do céu, paizinho)» (Santo, 1989: 288).

Dias (1971), na estampa XIX, apresenta uma malhada: choça do pastor, pequena choça para as galinhas e um abrigo para o cão.



Figura 1. Giestas e azinheiras, Rosmaninhal, 1996.

Algumas vezes, aparece o topónimo Malhada, Malhadinho e Malhadiz. Malhada predomina na região da Zebreira, onde descobrimos seis (Estacel, Malhadinha, Zé Capelo, Ferreiro e Malhadis) e do Ladoeiro, principalmente no sul, que toca com Monforte da Beira e Malpica do Tejo (Castanha, Corvo, Rata, Medronheiro, Serra, Pedra, Codesso, Fundeira e Sobral).

Nave vem do fenício *nab*, escreve Santo, que significa profetas, adivinhos, tremedores, lacerantes, que não é o caso, ou do hebraico *nawe*, que significa pastagem, que é o caso. Predomina em Salvaterra do Extremo, onde estão seis (Redonda, Moreira, Barca, Longa, Silva e Seixo) e Vale Feitoso (Fraga da Nave, Arraial da Nave, d'el Rei, Naves e Redonda).

Salvaterra do Extremo

Nave da Silva: segundo Santo (1989), «*sib yhl* (ancião mordomo do templo); *sb + ils* [ssibles] = ancião, mordomo, heraldo de deus. Significa: pastagem do heraldo de deus.»

Nave da Barca: *brk* (orar, venerar, bendizer, abençoar); *brk/ beraka* (fórmula de bênção); *brk / berkh* (açude, lagoa); *brk / bèrèk* (joelho). Significa: pastagem onde se bendiz, onde se abençoa.

Nave Longa, antes, Nave Longra: *log gr* (cântaro dos peregrinos); *l' wn gr* [longra] = (para os peregrinos, para os estranhos); paralelo a *hbr'* (companheiro).

Nave do Seixo: *sessu* (sexta, seis). Significa a sexta pastagem. Esta designação pressupõe o controle sistemático das pastagens e rebanhos. Nada de admirar, quando se sabe que a região sempre teve cabeças de gado ovino em elevado excesso para as pastagens existentes.

Nave Redonda: segundo Santo (1989), *r' adm' d* (parceiros do senhor do pacto, parceiros do senhor do trono). Significa: pastagem dos parceiros do senhor do trono. Redondinha: *r' adn 'ny* (parceiros do Senhor).

Nave Moreira: segundo Santo (1989), *mhr hr* [morere], (dote de conceção); *mhr ara* (dote, vigor brilhante), *mhr 'sy* [morária] – dote, vigor de trocas, dote, vigor ao descoberto); *mhr hr/ ar/ 'ra* (dote concebido, dote falado, dote trocado). Significa: pastagem do vigor, pastagem do dote.

Temos os donos, e significado, das Naves que, possivelmente alugavam ou vendiam as pastagens.

Ladoeiro

Ladoeiro não tem, atualmente, a designação de malhada, mas tinha-a em 1818: Malhada da Serra, Lomba, Rosada, Caldelas, Salgueirinho, Deveza e Concelhia.

Estas malhadas eram logradouros comuns e objeto de inventário executado no *Tombo dos Bens do Concelho*, caso do de 1818.

É possível que, há séculos e durante séculos, houvesse lutas entre os pastores e criadores de gado; o que nem admira face ao número de Malhadas e Montes e, facilmente se imaginam, milhares de cabeças de gado, muitas mais do que era possível alimentar.

Terão feito a promessa de paz e chegado a acordo, a meio entre Ladoeiro e Malpica do Tejo, num troço do Ribeiro do Vidigal pois que, segundo Santo (1989), **Vidigal**, em fenício-cananita, significa «no pacto da promessa», «pacto do pagamento», «pacto da povoação», «aliança, pagamento de remissão». Pacto realizado talvez na **Malhada do Codesso**, que significa malhada/acampamento do «Santuário».

Vale

Um outro topónimo muito frequente é «vale». Vale não tem a ver com o relevo. Raramente é vale ou planície. Aparece em todas as regiões, mas em maior número na Zebreira, onde contámos 15; oito no Pedrógão, São Miguel e Idanha-a-Nova. Vale / Bale *bal / baal* (deus e senhor) fenícios. Senhor, ou grande senhor, deus, juiz, sacerdote, proprietário. Algo que permanece na nossa aldeia: há o Ti Zé e o Ti Manel, homens «normais».

Os ricos e outros são senhores: senhor padre, senhor professor, senhor juiz, senhor João; tal como para deus, senhor Deus, senhor Jesus Cristo. Quanto à mulher, a esposa do senhor é senhora ou dona, ou mesmo, senhora dona.

Monte e Herdade

Dois outros topónimos se afirmam centralizadores, mas de forma mais individualizada, isto é, respeitante a um indivíduo ou família: monte, mais antigo, e herdade, com significado idêntico.

Monte, sendo exemplo o monte alentejano, não vem do latim *mons*, *montis*, acusativo *mont (em)*, que deu o português monte, elevação, outeiro; vem do fenício *mnt* (montu) e significa parte que coube em herança. Do latim veio a palavra herdade, terra que vem de uma herança; de *heriditatas*, *heriditatis*, acusativo *heriditatem*, que significa herança.

O topónimo monte domina em várias regiões limitadas: na Zebreira contámos quinze e mais oito na zona sul e sudoeste; no Ladoeiro, doze; em Monforte, vinte e quatro; no Pedrógão, sete, só para referir os mais numerosos. Algumas vezes, o topónimo aparece apenas «monte», sem mais.

Herdade é muito menos frequente, três no Rosmaninhal, e a muito conhecida Herdade do Souto, na Zebreira. A frequência do topónimo pode mostrar a sua antiguidade, isto é, monte é mais antigo que herdade.

Tapada, Quinta e Casal

Tapada, Quinta e Casal estão muito distribuídos na região. Não têm, de forma direta, a ver com gado. Santo escreve que tapada *tpa* [tapata] significa apoio, assento, proporcionar, fornecer. Quinta *kin nht* [quineta] significa fixar residência, trono, lugar de repouso, divã, assento. Casa *ksu* [casu] significa trono, estrado, dossel. Próximo, *ksy*, cobrir-se e *kasah*, cobertura, é sinónimo de quinta e tapada. Couto *kt* (trono). Casal é o mesmo que catraia. Catraia é um termo beirão, escreve Santo (1989), para designar aldeia pequena, lugarejo. Catraia *kryt aya* (povoação ou cidade vulgar, povoação qualquer, povoação do vulgo).

Couto domina na Zebreira e no Ladoeiro, onde contámos onze e sete, respetivamente. Na Zebreira contámos nove casas.

A par destes, aparece o topónimo «horta». Regra geral, horta é um terreno, geralmente pequeno, destinado às culturas para a cozinha: couves, batatas, ervas aromáticas ...

Jaime Lopes Dias (1962) apresenta as definições: chão é uma terra baixa, geralmente murada, com árvores, nos arredores das povoações que dá erva e milho; quinta é uma grande propriedade com residência; tapada é um terreno murado sem árvores.



Figura 2. Rio Erges, em Segura, 2003.

Arraial

Por fim o «arraial». Arraial, festa popular, escreve Santo (1989), vem do fenício *ah r 'ly* (fraternidade de parentes, fraternidade de vizinhos, fraternidade de congéneres).

Arraial, arraial por El-Rei de Portugal «ahr ah 'al (atrás irmãos, com ele); «ahr' 'l (irmão levantemo-lo, companheiros levantemo-lo). Arraial também virá de *harr al*, que significa monte sobranceiro.

Este arraial é o lugar de guarda de alfaias, gado e outros, e, mesmo, habitação do grande lavrador. Referindo apenas os mais numerosos, 24 em Alcafozes, 21 no Vale Feitoso, sete na Zebreira e Salvaterra.

Casos especiais

Casos em destaque devido ao seu nome e significado, e curiosidade provocada.

Senhora do Almortão

Desde logo, o Santuário da Senhora do Almortão. A Senhora do Almortão tem santuário no Lavajo, havendo um outro Lavajo no Vale Feitoso, próximo de Penha Garcia. Lavajo é o fenício *Labajo* e significa «demónio» (ver anexo 2). Carvalho (2017) escreve que a Senhora do Almortão foi a Senhora, a deusa, que venceu o demónio num combate sem derramamento de sangue, talvez num interessante debate intelectual, tipo Jesus entre os doutores, relatado por Lucas (2, 41 ss). Os vendedores destes combates recebiam uma coroa de murta. É numa murta que aparece a imagem da Senhora do Almortão.

Saindo da estrada nacional 363, e entrando na estrada que conduz ao santuário, logo, à direita, está um terreno chamado Maneta. Maneta é um dos vários nomes que o povo dá ao Diabo. A este propósito, ver o anexo «vai para o maneta».

A norte do Santuário da Senhora do Almortão, e, no máximo a 2,5 km em linha reta, ficam:

- Monte do trigo: *tri* (ossos) + *go* (som). O som dos ossos. Significará: herança do do povo que tem dor de ossos?

- Arraial da Pessegueira: *psg* (visitar, percorrer) + *rh* (sopro, vento, alento): percorrido pelo vento.

- Monte do Vale Cardoso: *mnt* (parte que coube em herança) + *bal* + *quaradu oz* (senhor + fortaleza do guerreiro): herança que coube ao senhor, grande, guerreiro.

- Arraial da Senhora do Almortão.

A Sul, ficam:

- Calçadinha: «*khl* (poder, ser capaz), *qhl* (reunir-se em assembleia), *sd* (conselho): Onde se reúne a assembleia e esta emite conselho.

- Horta do Almortão: horta da Senhora que venceu o demónio.

- Monte Piçarra: *pissaru* (voz do rei, voz do juiz, voz do senhor, voz do sacerdote).

- Couto do Lavajo: *kt* (trono) + *labaju* (demónio): trono do demónio.

- Horta da Aleivosa: *alh* (rogar praga, rogar maldição) + *bws/ bws* (profanar, desprezar): horta onde e rogou praga e houve profanação. Em português, aleivosa é traidora, traição, um significado bem próximo.

- Arraial das Arieiras: *ari/ eri* (leão) + *hry* (conceber): onde foi concebido, onde nasceu o leão.

A Senhora do Almortão, repete-se, venceu o demónio e, para além do significado do seu nome e dos topónimos «Lavajo» e «Maneta», que confirmam o facto relatado, há outros nomes que conformam a história e/ou contam uma outra.

«Cardoso», Monte do Vale, é «a fortaleza do guerreiro», e Almeida (2015) apresenta vários caos no Continente. Piçarra, Monte, é «a voz do juiz» ou «rei». A horta da Aleivosa indica uma traição, profanação ou maldição. Havia reunião da assembleia na Calçadinha.

Assim, reunia-se a assembleia, onde falava o rei e havia uma fortaleza onde morava o senhor guerreiro que a recebeu por herança. No meio de tudo isto, houve uma traição e profanação da parte de alguém num destes lugares.

Cova da Moura, São Miguel de Acha.

Cova da Moura: cova, fonte, gruta, mina, dentro da terra e na humidade uterina, aparecem ligadas a moura. Moura *mhr* (dote, vigor, marido, herói). A moura das aldeias portuguesas, escreve Santo, «é a Astarté cananita e a Shekina de Yaveh, Ilit (feminino de Ilu) e Atiratu são nomes que nos mitos de Ugarit se dão a Astarté» (Santo, 1989: 291).

Alto dos Almogares: *alm* (emudecer, calar) + *garu* (inimigo, adversário). Significa: emudecer o inimigo, algo semelhante a Almortão. Alto *alt* (alto, penha). Significado como em português.

Barranco Velho: *barakku* (passagem, construção exterior) + *bêlu/ bal* (senhor). Significará: senhor da passagem.

Barreiro da Constante: *barâru* (brilhar) + *kns* (recolher, reunir, transformar) + *tant* (fala, gemido, transformação). Significará: transformar-se em brilho.

Colmeias: *khl* (ser capaz, poder), *kwl* (segurar, abastecer, executar), *qhl* (reunir-se), *qôl* (som, voz, relato) + *mh* (água, o quê? nada). Significará: procurar reunir a água.

Corta Setóva *krt* (cortar, abater), *qrt* (cidade, honra, glória banquete), *st* (base, pé, Senhora – Anatu ou Atiratu. Significa: o banquete da Senhora Anatu, o corte (da carne) da aliança coma Senhora Anatu.

Fonte Sobreira: *sbr* (examinar, procurar, pretender), + *ro/rea* (gritaria, estrondo). Significa: fonte onde o som é examinado?

Medronheiro: *medr'* (semeadura, campo semeado), *midru* (terra regadia) + *mhr* (Naharu, rio).

Tapada da Arcada *tpt* (apoio, assento) + *ark* (longo, comprido) + *tad* (pai, águas subterrâneas ou superiores. Significa: onde assentam as águas longas.

Tapada Grande *tpt* (apoio, assento) + *gm* (eira) + *d/da* (que, quem). Significa: Assento de quem tem a eira.

Vale da Loura: *bal* (senhor) + *leru* (massa amarela). Significa: o senhor da massa amarela.

Vale do Louro: *bal* (senhor) + *leru* (massa amarela). Significa: a senhora da massa amarela.

A Cova da Moura, São Miguel de Acha, é um dos muitos exemplos espalhados pelo país rural da Moura. Há aqui um pacto entre o povo que habitava a região e a deusa Anatu. Anatu é a deusa cananita virgem e da guerra.

O topónimo «corta setóva» é claro. *Kort* é cortar, mas, por exemplo, *kort berit* é o cortar da carne ao meio para o sacrifício entre o deus e o homem. Este corte é o acto e a materialização do pacto entre ambos. *St* (Senhora Anatu) + *ba* (vir, chegar). Assim, «Corta Setóva» significa «o corte do pacto ao qual veio a Senhora Anatu.

Outros topónimos

As Cartas Militares de Portugal têm, a vermelho, os nomes das regiões, espaços maiores, das povoações e seus terrenos envolventes. São nomes abarcantes e, também por isso, merecem estudo individualizado e relacionado. Damos um exemplo: carta nº 270 (Alcafozes e Idanha-a-Velha):

Curral das Lagoas: curral, escreve Almeida (2015) vem de *Kr* [Kar] - cordeiro) + *HI* [âal]- ovelhas desgarradas. É o local onde se guardam os animais que têm crias. Lagoas é o mesmo que alagoas, escreve Santo (1988), vem de *ha lahag ha* (lugar de culto). Curral em lugar de culto.



Figura 3. Pastagens pobres, furdas fora do povoado, Zebreira, 1996.

Bigorna vem de *bi* (por favor, com permissão) + *grn* (eira). Será: eira com permissão, construída com permissão, usada com permissão.

Malhada das Rosas vem de *ras* (cimo do monte). Será sítio de água e alimentos no cimo do monte.

Conclusão

A vida de pastor é dura. Dias escreve que «o pastor de Idanha-a-Nova passa os dias e os anos a acompanhar os rebanhos entre a solidão enorme do campo e a imensidade azul do céu [Servindo-lhe de habitação frágil choça feita de estacas, paredes e tecidos com giestas e colmo]» (Santo, 1929: 81-82).

A mulher do pastor leva-lhe todos os domingos, pelo menos, continua Dias (1929), o «fatinho»: o pão, o sal e o azeite. (Os) três alimentos essenciais.

Os pastores sabiam todos os nomes de todos os terrenos, montes e vales, caminhos e veredas, mesmo não sabendo a sua origem que, como afirmamos é fenícia.

O mapa executado por Hamilton (figura 4) ilustra bem este facto. Escreve este investigador: «vê-se claramente que os fenícios subindo o Tejo encontraram aqui um paraíso e desenvolveram aqui os seus comércios têxteis, viviam ao lado de comunidades tribais Vettones, povo conhecido pelos pastores e transumância. Assim Covilhã, Belmonte e Castelo Branco seriam colónias fenícios/judeus e, ao lado, as terras celtas/vettones ligadas à transumância como Alcains, Alpedrinha, Alcongosta, Idanha, Teixoso, Paul, Penha Garcia, Rosmaninhal, Monforte».

Beira Baixa

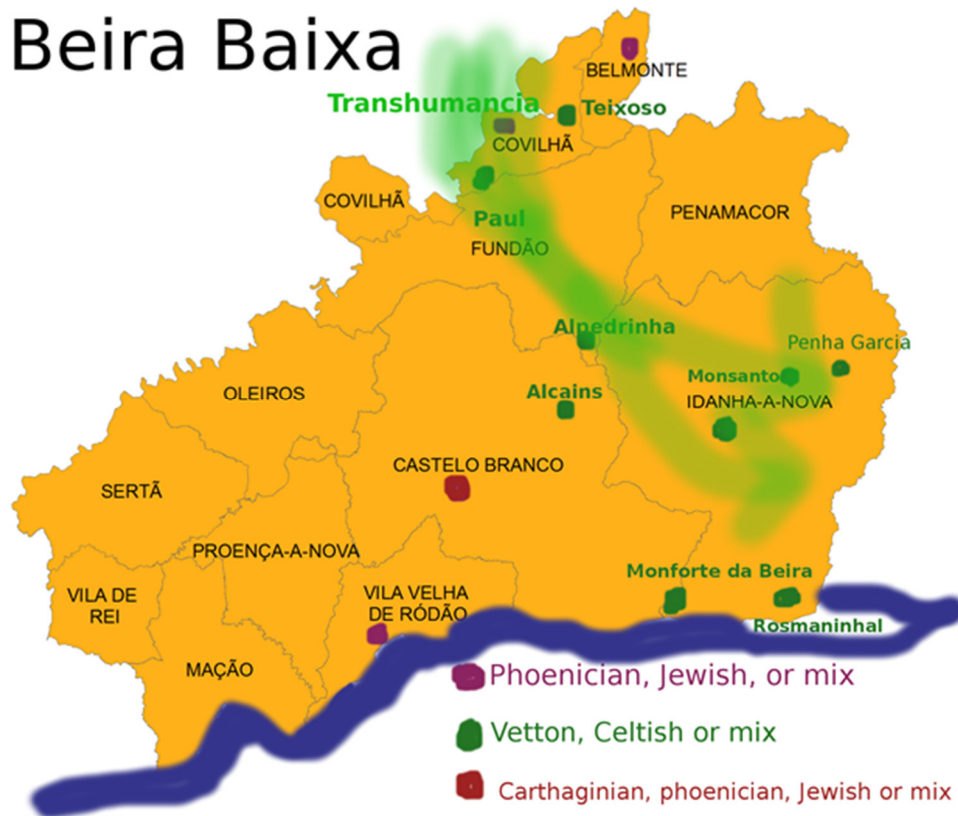


Figura 4. Mapa executado por Hamilton (2017).

Entenda-se celta, como refere Santo (1993), povoado/tribo que não segue a administração romana, que é autónoma.

Referências bibliográficas

Sites

ALMEIDA, Fernando Rodrigues. (2015). https://www.academia.edu/21456366/TOPON%C3%8DIA_DE_ORIGEM_FEN%C3%8DCIA_OS_GADOS

ALMEIDA, Fernando Rodrigues. (2016). *O Nome dos dias da Semana e a Sua Origem.* Em https://www.academia.edu/17868203/O_NOME_DOS_DIAS_DA_SEMANA_E_A_SUA_ORIGEM

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/ainda-a-origem-dos-nomes-dos-dias-da-semana/24787>

<https://pt.slideshare.net/InsMarques6/as-invases-francesas-12912591>

<https://www.vortexmag.net/braga-a-cidade-portuguesa-que-deu-o-nome-aos-dias-da-semana/>

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, (2020). <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/ir-mandar-para-o-maneta/13060>

Livros e artigos

CHAMBINO, Eddy e RODRIGUES, Joana. (2014). *Rosmaninhal, terra do Ouro. Etnomineralogia e Património Geológico: uma Experiência participativa no Geopark Naturtejo, Portugal.*

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. (1982). *Dicionário dos Símbolos.* Lisboa: Editorial Teorema.

Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, (2020). <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/ir-mandar-para-o-maneta/13060>

DIAS, Jaime Lopes (1962). *A Linguagem popular da Beira Baixa, Castelo Branco: Estudos de Castelo Branco*.

DIAS, Jaime Lopes. (1929). *Etnografia da Beira*, volume 3. Lisboa: Editora Ferrin.

DIAS, Jaime Lopes. (1938). *Etnografia da Beira*, volume 5. Lisboa: Editora Ferrin.

DIAS, Jaime Lopes. (1953). *Etnografia da Beira*, volume 8. Lisboa: Editora Ferrin.

DIAS, Jaime Lopes. (1971). *Etnografia da Beira*. Volume 11. Lisboa: Livraria Ferin.

GARCIA, Maria Antonieta. (1996). *Denúncias em Nome da Fé*. Lisboa: UNL.

HAMILTON, Tom G. (2017). Informação via mail.

HENRIQUES, Francisco, BATATA, Carlos, CHAMBINO, Mário, CANINAS, João Carlos e CUNHA, Pedro P. (2010). *Mineração Aurífera Antiga, a Céu Aberto, no Centro e Sul do Distrito de Castelo Branco*.

SANTO, Moisés Espírito. (1988). *Origens orientais da religião popular portuguesa seguido de ensaio sobre toponímia antiga*. Lisboa: Assírio & Alvim.

SANTO, Moisés Espírito. (1989). *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Assírio & Alvim

SANTO, Moisés Espírito. (1993). *Dicionário Fenício-Português*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

SANTO, Moisés Espírito. (2004). *Cinco Mil Anos de Cultura a Oeste*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Anexo 1: calendários

Dias da Semana

Os dias da semana, em português, ao contrário de várias línguas europeias, não seguem o original latino, dias dedicados a deuses: Dies Lunae, Dies Martis, Dies Mercurii, Dies Jovi, Dies Veneris, Dies Saturni, Dies Solis, respetivamente, Segunda, Terça, Quarta, Quinta e Sexta-Feira, Sábado e Domingo.

Em espanhol, melhor, em castelhano: Lunes, Martes, Miércoles, Jueves, Viernes, Sábado e Domingo.

Em inglês: Sunday - Dia do sol (Day of the Sun) é o significado de Sunday – Sun (sol) Day (dia), do latim Dies Solis. Monday - com estrutura semelhante à de Sunday Monday significa Dia da Lua (Day of the Moon): Moon (lua) Day (dia). Tuesday: vem de Tiwesdaeg, Dia do Tiw (Tiu's Day). Tiw era deus da guerra na mitologia norueguesa. Wednesday: significa o Dia do deus Woden, mais conhecido como Odin, o rei dos deuses da mitologia norueguesa. Thursday: significa Dia do Punor, conhecido como Thor. Thor é o deus dos trovões na mitologia norueguesa. Friday: significa Dia de Frige (Freya's Day), a deusa germânica da beleza. Saturday: a tradução original era Saeternesdaeg, que significa Dies Saturni.

Em francês: Lundi, Mardi, Mercredi, Jeudi, Vendredi, Samedi e Dimanche.

Em italiano: Lunedì, Martedì, Mercoledì, Giovedì, Venerdì, Sabato, Domenica.

É usual atribuir-se a São Martinho de Braga, ou de Dume, a mudança dos nomes da semana em português. Lê-se em <https://www.vortexmag.net/braga-a-cidade-portuguesa-que-deu-o-nome-aos-dias-da-semana/>:

«São Martinho, combatendo o paganismo romano nas nomenclaturas conhecidas, substituiu os antigos nomes romanos por dias que deveriam ser dedicados às festas litúrgicas». Foi decidido no primeiro concílio de Braga, 561-563, os dias

deveriam ser denominados como: «Dominica dies, Feria Secunda, Feria Tertia, Feria Quarta, Feria Quinta, Feria Sexta, Sabbatum. No latim, Feria tinha o sentido de Festa (no caso, festa litúrgica, de onde veio o nome Feriado)». Em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/ainda-a-origem-dos-nomes-dos-dias-da-semana/24787> lê-se: «a palavra feira deriva de feria, porque as feiras tinham lugar ao domingo, dia feriado, ou noutros dias festivos».



Figura 5. S. Martinho de Dume ou Braga. www.wikipedia.org

Os nomes portugueses vêm do latim, mas não são de inspiração latina. Como escreve Almeida (2016), a lógica usada pelo bispo de Braga é a pré-existente entre a população local que falava uma língua fenícia (hebraica, acádica, ugarítica). Assim, o autor diz:

Segunda do acádio *Sina* (dois); do hebraico *Snim* (dois).

Terça do assírio *Salsu* (três); do acádio *Salas* (três); do hebraico *Slisi* (terceiro, terceira vez).

Quarta acádico *Rebu* (quatro); ugarítico *Rb* (um quarto, quadruplicar); do hebraico *Rboi* (quarto).

Quinta do hebraico *Hms* (cinco, quinto, quinta parte); do acádio *Hamis* (cinco).

Sexta do acádio *Sessu* (seis); do hebraico *Ses* (seis); do ugarítico *tt* (seis).

Sábado do ugarítico *Sb* (sete).

Domingo do hebraico *R'swn* (primeiro, primeira vez); «do fenício *dômi* (descanso).

Quanto a «feira», nada tem a ver com festa ou feira ou feriado. É provável, escreve Almeida (2016), que venha do acádio *feru/beru*, que significa medida de tempo.

Meses do ano

Janeiro: homenagem ao deus Jano.

Fevereiro: festa da Februália, ou Purificação, em Roma.

Março: homenagem ao deus Marte.

Abril: *secundus*, possivelmente.

Maio: homenagem à deusa Maia, responsável pelo crescimento das plantas e mãe de Mercúrio.

Junho: homenagem à deusa Juno, deusa do parto e das esposas legítimas.

Julho: Inicialmente chamado de Quintilis, por ser o quinto mês, foi rebatizado em homenagem Júlio César.

Agosto: O nome original Sextilis foi substituído por Augustus, em homenagem ao imperador César Augusto.

Setembro: Outubro: Novembro: Dezembro: conservam o radical latino e português do número de ordem; sete, oito, nove e dez.

Na verdade, até 1531, o ano começava a 1 de Março, pelo que setembro era o mês sete e, os outros, oito, nove e dez. Faz todo o sentido o ano iniciar-se em Março, o mês que iniciava a Primavera, a 21, com o solstício da Primavera. Estação que rejuvenesce a natureza e faz esquecer o frio e triste Inverno.

Anexo 2: «Vai para o Maneta»

Este é um exemplo do secular ato cultural de maiorização do que vem do estrangeiro, a par da menorização do que «é nosso». É mais um exemplo de que metade da História está mal contada e, a outra metade, mal contada está.

A expressão «vai para o maneta» deve-se ao general Loison, sem o braço esquerdo, perdido numa batalha, segundo uns, ou numa caçada, segundo outros. Era tão malvado que ir para o maneta era sinal de ir levar muita pancada e até morrer. Loison, diz Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, (2020), jamais lhe «terá passado pela cabeça que, quase dois séculos depois de ter estado [em Portugal], com o general de Junot, na primeira invasão francesa, a sua memória perduraria no povo português através de uma das mais populares expressões do nosso falar

quotidiano: "mandar ou ir para o maneta", com o significado de "dar cabo de alguém ou de alguma coisa; destruir". É que o general Loison, continua, «perdera um braço em anterior batalha e, enquanto esteve [em Portugal], revelou-se um homem de extrema ferocidade e malvadez, que exercia torturas violentas nos presos e foi responsável por várias mortes».

Coloquem-se três questões:

1. O general Loison, seguindo o general Junot, passou por Idanha-a-Nova, Castelo Branco e Abrantes, a caminho de Lisboa. Da entrada à saída de Portugal, não ficaram nem um ano. Em 12 de Novembro estão em Salamanca; 26 de novembro, em Abrantes; 30 de novembro, em Lisboa. A derrota e rendição de Junot acontece na batalha do Vimeiro, a 20 de agosto de 1808. São 9 meses. Este tempo é irrisório, quando falamos em termos de cultura, de mentalidade. Para que uma expressão linguística se fixe (a linguagem é a parte visível do iceberg da cultura!) são necessários séculos, não dias ou meses.

2. O general Loison esteve alguns meses em Almeida, sua sede, esteve mais a norte e regressou a Lisboa. Nunca esteve no Minho, Trás-os-Montes, Beira Litoral, Alentejo ou Algarve. No entanto, a expressão «vai para o maneta» também existe nestas regiões.

3. E antes do general Loison pôr os pés em Portugal, não existia a expressão «vai para o maneta»? Sim, existia.

A estas questões, acrescente-se uma afirmação. Quando, na aldeia, e refiro-me às todos os concelhos do distrito de Castelo Branco, tanto quanto retenho de vinte e cinco anos de investigação, quando alguém é mesmo mau, ou se odeia esse alguém, e querendo justificar este ódio, diz-se: «é o diabo em figura de gente», «diabo do homem!»; «cão negro!»; dum rapaz que faz sacanices: «o diabo do rapaz!». Como é vulgar na cultura popular, diaboliza-se o que se odeia.



Mapa 2. Invasões francesas, de <https://pt.slideshare.net/InsMarques6/as-invasoes-francesas-12912591>

E é por aqui que pego. Escreve Jaime Lopes Dias, o grande etnógrafo da Beira, que recolheu usos e costumes em onze volumes, que «Maneta» é um dos muitos nomes com que o povo designa o diabo: «trabalhar para o Maneta; foi para o maneta (o diabo)» (Dias, 1953: 210).

Saindo da estrada nacional nº 353, a caminho da ermida da Senhora do Almortão, Idanha-a-Nova, o primeiro terreno à direita chama-se «Maneta». Não deve, com certeza, o seu nome ao general Loison, pois terras e casas não se carregam às costas. O general, que por aqui esteve alguns, poucos dias, como qualquer soldado francês, preferia carregar cálices de ouro ou de prata, bem mais leves e valiosos. A ermida fica num vasto local chamado «Lavajo». Utilizando o dicionário fenício-português, de Santo (1993), «Lavajo/Labajo» significa «demónio». E Almortão, escreve Carvalho (2017), significa a Senhora/Deusa que venceu o demónio. Venceu-o numa luta sem derramamento de sangue, uma luta do verbo, a lembrar Cristo entre os doutores, relatado por Lucas (Lc 2,42-50). Por isso, a imagem da Senhora apareceu numa murta, murta da qual se fazia a coroa atribuída ao vencedor deste tipo de luta.

Vai para o maneta, escreve Santo, é uma das centenas de palavras e expressões portuguesas de origem fenícia, logo, com mais de 2.500 anos. Significa dar cabo de alguém, escangalhar alguma coisa. Vem de *mnt*, que se lê *minatu* e significa troço, parte, pedaços.

Por fim, em Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, (2020), lê-se uma quadra do cancioneiro popular da altura:

«O Jinot mai-lo Maneta
julgam Portugal já seu:
É do demo que os carregue
e também a quem lho deu».

É visível a colagem do Maneta ao diabo (demo). Tal como, quando o Ti' Zé chegava a casa carregado de vinho, logo a Ti' Maria exclamava, irada: «o diabo do homem não larga o vinho»!

Concluindo, «vai para o Maneta», é o mesmo que dizer «vai para o diabo». É, era, e continuará a ser, por mais gerais manetas, ou com os dois braços, que por aí apareçam. O general Loison, por todo o tempo que por cá esteve, mal teve tempo para limpar as botas do pó dos caminhos portugueses. O que houve, como parece ter havido, foi a colagem de um homem mau ao diabo, o máximo do mal. Uma colagem facilitada, por o general (até) ser maneta e pelo culto que os portugueses nutrem pelo que vem de fora, em contraponto com o que existe em Portugal.